

SENHORA DAS ÁGUAS

Pesquisadores do ICB descobriram, em Minas Gerais, a décima sétima espécie do gênero *Helicops*, serpente que vive em meio aquático. Seu nome, *Helicops nentur*, faz referência a uma característica marcante do animal – os olhos posicionados obliquamente – e à obra de J.R.R.Tolkien, autor da trilogia *O senhor dos anéis*.

Página 3



UFMG vai desenvolver pesquisas em cooperação com os BRICS

Páginas 4 e 5

CIENTISTAS FANTASMAS

Adlane Vilas-Boas*

Nas semanas que se seguiram ao bem-sucedido movimento dos artistas para “receber de volta” o Ministério da Cultura no governo do presidente interino Michel Temer, cientistas de várias partes do Brasil começaram a se articular para conseguir o mesmo feito com o importante Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI).

Ocupando ruas e parques ou aparecendo em notas em jornais e noticiários, os cientistas começaram a ser vistos pela população, que conhecia de “ouvir falar”. Eles surgem para a sociedade num momento em que necessitam de apoio para lograr o mesmo sucesso dos artistas. Precisam deixar claro que seu trabalho é fundamental para o bem-estar de todos. Eles aparecem para lembrar que grandes avanços no cuidado da saúde são frutos do trabalho árduo de cientistas, que tecnologias como o celular e a imagem de ultrassom dependem do desenvolvimento da ciência.

Em uma sala de TV, na qual uma família comum brasileira estivesse reunida para assistir ao noticiário, após um dia de protesto, poderiam surgir várias perguntas: “Esses aí são cientistas? Não parecem”. “Mas são todos brasileiros mesmo?” “Há mulheres nesse grupo?” Aliás, muitas. “São cientistas também?” “Mas eles não são apenas professores universitários?”

Para muitos, essas perguntas podem não fazer sentido, mas se consideramos dados de enquetes sobre a percepção pública da ciência no Brasil, em que apenas 12% dos entrevistados, em média, disseram conhecer um nome de cientista brasileiro, esses questionamentos não surpreendem. Curioso é que, entre os cientistas mais mencionados na pesquisa, estão Oswaldo Cruz e Carlos Chagas, o que denota desconhecimento sobre cientistas contemporâneos.

Mas quem é o cientista brasileiro contemporâneo?

De uma busca na Plataforma Lattes, o maior banco de dados de currículos de profissionais da Ciência e Tecnologia (C&T) brasileira, apreende-se que a maioria dos 120

mil doutores/doutoras cadastrados executam seu trabalho de cientista nas universidades públicas. Nelas, ingressam na carreira de professor, dividindo seu tempo entre fazer pesquisa, ensinar e orientar estudantes de graduação e pós-graduação, ocupar cargos administrativos e dialogar com a sociedade por meio da extensão. E, quando perguntados sobre sua profissão, certa e orgulhosamente, dirão: SOU PROFESSOR!

Seriam eles os mesmos que também responderiam SOU CIENTISTA? Aparentemente, não!

Em pesquisa realizada com 20 cientistas do Instituto de Ciências Biológicas da UFMG, apresentada em congresso na Turquia (disponível em <http://bit.ly/1SL7vJo>), detectamos que apenas um deles responderia a essa questão como cientista. As maneiras de autodenominação profissional em situações formais e informais variam, sendo as mais comuns professor universitário e professor/pesquisador. O desenrolar desse estudo nos levou a pesquisar, por meio de grupos focais com outros cientistas, os motivos para essas escolhas. Entre as várias ideias surgidas, as principais foram: 1) professor universitário é o cargo para o qual fizeram o concurso público; 2) a profissão de “cientista” não é regulamentada e tampouco é restrita a profissionais de uma área; 3) não há, em princípio, consequências profissionais ou sociais da opção por não se autodenominar cientista.

No entanto, alguns reconheceram que essa atitude pode impactar a maneira como a sociedade vê – ou não vê – a ciência e o cientista. Chegaram a detectar falta de visibilidade dos cientistas e da ciência, que pode ser decorrente do pouco investimento em C&T e do treinamento falho de profissionais e jornalistas de divulgação científica.

Recentemente, o cientista-professor-pesquisador Nélio Bizzo, da Universidade de São Paulo, levou à Academia Brasileira de Ciências (disponível em <http://bit.ly/1rqGfti>) alguns dados de seu grupo que indicam que o jovem brasileiro gosta de ciência,

mas não considera a carreira de cientista uma opção para sua vida. Sem conseguir entender a lógica por trás desses achados, Bizzo sugere algumas explicações para esse desinteresse. A esse respeito, acredito que não conhecer como a ciência é feita e os atores envolvidos são fatores que contribuem para essa falta de motivação. Os cientistas citados na mídia são, em sua ampla maioria, estrangeiros e possivelmente carregam uma aura de inatingibilidade (sem falar no ainda vivo estereótipo de gênio/louco associado ao cientista). Estaria no imaginário desses jovens a figura do homem e da mulher comuns, que têm a ciência como seu ganha-pão? A fama mundial desses cientistas internacionais midiáticos é garantida não apenas pela qualidade de sua publicação, mas também pela boa vontade deles em divulgar seus dados de pesquisa, pelos *press releases*, numerosos e bem feitos por suas universidades, e pelos blogues dos periódicos internacionais, que acabam pautando os “espaços” de ciência dos veículos brasileiros, já que cadernos de ciência praticamente sumiram até dos jornais de grande circulação.

Não há dúvidas de que nós cientistas/professores/pesquisadores precisamos do aval da sociedade para reivindicar nossa fatia do bolo do orçamento do governo para o desenvolvimento da ciência. Fica notória, em momentos como o atual, a necessidade de se estampar a identidade do cientista de forma muito clara, visível e compreensível pela sociedade. Devemos ocupar nosso lugar de cientista, deixando de ser fantasmas ou seres misteriosos. A participação consistente em eventos e projetos de divulgação científica, sem dúvida, nos ajuda a mostrar a cara. E quem sabe ajudaria, também, se nos acostumássemos a dizer a um cidadão comum: Muito prazer! Sou cientista! E você?

*Cientista, professora, pesquisadora e divulgadora científica do Departamento de Biologia Geral do ICB

Esta página é reservada a manifestações da comunidade universitária, por meio de artigos ou cartas. Para ser publicado, o texto deverá versar sobre assunto que envolva a Universidade e a comunidade, mas de enfoque não particularizado. Deverá ter de 5.000 a 5.500 caracteres (com espaços) e indicar o nome completo do autor, telefone ou correio eletrônico de contato. A publicação de réplicas ou trélicas ficará a critério da redação. São de responsabilidade exclusiva de seus autores as opiniões expressas nos textos. Na falta destes, o BOLETIM encomenda textos ou reproduz artigos que possam estimular o debate sobre a universidade e a educação brasileira.

OLHOS OBLÍQUOS

Nova espécie de serpente aquática encontrada em Minas Gerais é descrita por pesquisadores do ICB

Luana Macieira

Equipe do ICB acaba de descrever uma nova espécie de serpente aquática, a *Helicops nentur*, que habita regiões de Minas Gerais. Relatada no artigo *A new species of Helicops (Serpentes: Dipsadidae: Hydropsini) from southeastern Brazil*, a nova espécie se diferencia de outras do gênero *Helicops* em vários aspectos morfológicos: possui 17 fileiras de escamas dorsais no meio do corpo, 111 a 117 escudos ventrais, 41 a 56 escudos subcaudais e alguns detalhes específicos na anatomia do hemipênis (o órgão copulatório do macho).

O trabalho de dois anos foi coordenado pelo estudante de doutorado Henrique Caldeira Costa, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Zoologia. Ainda na graduação, quando cursava Ciências Biológicas na Universidade Federal de Viçosa (UFV), o pesquisador decidiu apresentar, como trabalho de conclusão de curso, uma lista das espécies de serpentes de Viçosa. Ao analisar exemplares do acervo do Museu de Zoologia da UFV (MZUFV), Caldeira deparou com uma cobra cujas características não coincidiam com as das já conhecidas. “Além desse exemplar, a coleção do MZUFV possuía outro, procedente de Jaíba, no Norte de Minas. Na época, não consegui identificar a espécie, e isso me obrigou a declará-la como ‘indeterminada’”, conta o pesquisador.

Em 2012, o amigo Diego Santana, hoje professor da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), o procurou, depois de encontrar, em Muriaé, na Zona da Mata mineira, outro espécime que acreditava ser o mesmo da espécie declarada como indeterminada em seu trabalho de graduação. Em 2013, mais um exemplar foi encontrado pelo estudante de graduação em Ciências Biológicas do ICB Fernando Leal, em São José da Safira, no Vale do Rio Doce, e preservado na coleção de répteis do Centro de Coleções Taxonômicas da UFMG. No ano seguinte, quando ingressou no doutorado, Henrique Caldeira constatou que a coleção contava ainda com outro exemplar da serpente, encontrado em 1999 no campus Pampulha. Naquele momento, ele percebeu que já dispunha de indivíduos suficientes para uma pesquisa que confirmasse, genética e morfológicamente, o ineditismo da espécie.

“Do exemplar encontrado em Muriaé, extraímos material para análise genética que nos ajudou a comprovar que se tratava, de fato, de uma espécie nova. O que define uma espécie como nova é a presença, em determinados indivíduos, de características morfológicas e genéticas ainda não observadas em qualquer outra espécie conhecida. Conseguimos atestar isso com a *Helicops nentur*”, afirma Costa.

Além de Henrique Caldeira, participaram da pesquisa o professor Paulo Christiano de Anchietta Garcia, o aluno de graduação do ICB Fernando Leal, o professor Diego Santana, da UFMS, e o estudante de pós-graduação da mesma instituição Ricardo Koroiva, que realizaram a análise genética do animal. O grupo acredita que a espécie habita principalmente regiões da Mata Atlântica e se alimenta de larvas de anfíbios, girinos e pequenos peixes.

“É uma descoberta interessante, porque o Brasil é o país com a maior biodiversidade do mundo; são quase 400 espécies de serpentes. Após a descrição de uma espécie nova, além da análise da formação óssea e do funcionamento dos órgãos do animal, podem ser realizados estudos sobre venenos para produzir fármacos e medicamentos. A taxonomia, que é o trabalho de classificação de



Foca Lisboa

Henrique com um espécime morto da serpente: características singulares

espécies, é a base de tudo que será pesquisado posteriormente”, afirma o doutorando.

As serpentes do gênero *Helicops* formavam um grupo que contava com 16 espécies distribuídas pela América do Sul. A *Helicops nentur* é a décima sétima espécie descrita pertencente ao gênero.

Origem do nome

Henrique Caldeira Costa conta que o nome científico da nova serpente tem duas origens. O primeiro nome, *Helicops*, de origem grega (ελιχωψ), foi cunhado pelo pesquisador alemão Johann Wagler, em 1828. Foi escolhido porque significa “olhos em abóbada”, característica morfológica marcante na nova espécie descrita, que apresenta os olhos posicionados obliquamente. Segundo o pesquisador, essa característica “possibilita que a serpente fique submersa na água com os olhos para fora”.

Já o nome *nentur* significa “senhor das águas” em quenya, língua criada pelo escritor J.R.R. Tolkien, autor da obra *O senhor dos anéis*. Além de descobridores de serpentes, Henrique Caldeira e Diego Santana são fãs dos livros de Tolkien.

Artigo: *A new species of Helicops (Serpentes: Dipsadidae: Hydropsini) from southeastern Brazil*

Autores: Henrique C. Costa, Diego J. Santana, Fernando Leal, Ricardo Koroiva e Paulo C.A. Garcia.

Publicado na revista *Herpetologica* em maio de 2016 e disponível em <http://www.bioone.org/doi/full/10.1655/HERPETOLOGICA-D-15-00059>

Em BLOCO

Rede de universidades de países do BRICS foi criada para desenvolver cooperação bilateral e multilateral; UFMG contribui nas áreas de economia, computação e saneamento

Luana Macieira



Marcelo Camargo/Agência Brasil/Fotos Públicas

Os programas de pós-graduação em Economia, Ciência da Computação e Saneamento, Meio Ambiente e Recursos Hídricos da UFMG foram selecionados para integrar a Universidade em Rede do BRICS (grupo de países emergentes que reúne Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul). A UFMG é a instituição brasileira com maior número de programas de pós-graduação selecionados para integrar a iniciativa, formada por 12 propostas aprovadas pelo Ministério da Educação.

Todas foram apresentadas por programas de pós-graduação de excelência – notas 6 ou 7 na avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). O resultado da seleção foi divulgado em março. A seleção contemplava seis grandes áreas: Ciência da Computação e Segurança da Informação, Ecologia e Mudanças Climáticas, Economia, Energia, Estudos dos BRICS e Recursos Hídricos e Tratamento da Poluição. A Universidade em Rede do BRICS foi estruturada para favorecer o desenvolvimento de programas bilaterais e multilaterais de ensino e pesquisa, a formação conjunta de mestres e doutores e o intercâmbio de discentes, docentes e pesquisadores.

Desde a primeira reunião de ministros da Educação do BRICS, em novembro de 2013, a intenção era criar uma rede de cooperação universitária com temas relacionados às necessidades dos países-membros do bloco. Em março de 2015, foi estabelecido um grupo para negociar os princípios e objetivos da rede, e cada integrante criou o seu Comitê Coordenador Nacional (CCN). Na terceira reunião ministerial, em novembro de 2015, os representantes dos cinco países assinaram o memorando de entendimento que formalizou o estabelecimento da rede.

Economia comparada

Intitulado *Comparative development: emergent issues in BRICS countries*, o projeto coordenado pelo professor do Departamento de Ciências Econômicas da UFMG Eduardo da Motta e Albuquerque envolve todos os professores do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Ciências Econômicas.

“A ideia era submeter um projeto de atividades de ensino e pesquisa em rede, ou seja, que envolvesse os pesquisadores, professores e alunos das universidades dos outros países do bloco. Além disso,

queríamos desenvolver atividades que abordassem o desenvolvimento comparado desses países”, afirma o professor.

Albuquerque ressalta que, apesar de integrarem um mesmo bloco, os países-membros têm sistemas econômicos diferentes, característica que precisa ser levada em conta ao se elaborar projetos de pesquisa em conjunto. “O capitalismo da Rússia surgiu como resultado do colapso do modelo estalinista. A China tem um capitalismo singular, e a Índia também construiu uma trajetória ímpar, influenciada pela colonização britânica. A África do Sul, recém-saída do *apartheid*, apoia-se em um complexo mínero-industrial, e o Brasil também carrega suas especificidades”, diz. Para ele, essa heterogeneidade é o maior desafio da Universidade em Rede do BRICS. “Qualquer projeto precisa levar em consideração especificidades de cada economia”, analisa o professor.

O projeto aprovado na área de economia pretende entender como o desenvolvimento dos países-membros pode ser considerado resultado da construção de uma forte base industrial tecnológica, algo que, segundo o professor, ainda falta ao Brasil.

Albuquerque também salienta a influência da desigualdade social. “Esse fator e a busca pelo progresso tecnológico são características que abrem uma agenda de pesquisa comum. Elaboramos um projeto de desenvolvimento comparado para compreender os elementos comuns e importantes para o progresso desses países. A economia é uma área globalizada por natureza, por isso manter essa relação sistêmica com os países-membros é tão importante para o Brasil”, defende o professor.

Ciberfísicos

Sob a coordenação do professor do Departamento de Ciência da Computação (DCC) da UFMG Luiz Chaimowicz, o projeto *Cyber-physical systems for massively connected society* explora os sistemas ciberfísicos, que são aqueles capazes de integrar hardware e software de forma ubíqua e abrangente.

“Hoje em dia, temos diversos dispositivos que coletam, enviam e processam dados. O hardware está intrinsecamente conectado ao software. O advento da Web e das redes sociais também trouxe a necessidade de aprendermos a lidar com grandes volumes de dados. Daí a importância de um projeto que trate desse assunto”, diz.

O projeto do Programa de Pós-graduação em Ciência da Computação pretende estudar diversas questões relacionadas à atuação de dispositivos que coletam e filtram informações relevantes em meio a dados massivos. A iniciativa envolve várias áreas da ciência da computação, como redes de computadores e de sensores (que captam os dados) e gerenciamento, análise e tratamento da informação, além do campo da robótica, que promove a atuação inteligente no ambiente.

Chaimowicz destaca que a escolha pelo tema relacionado aos sistemas ciberfísicos é importante porque acompanha as mudanças do mundo moderno. “Antes, para um programa rodar, era necessário ter um computador. Hoje, os dados podem ser coletados e processados em relógios, tablets, celulares e outros dispositivos. Essa integração dos sistemas é algo forte na nossa sociedade”.

No caso da Ciência da Computação, o professor destaca que as parcerias com os outros países integrantes da rede visam à criação de cursos em conjunto e a mobilidade de alunos e professores. “Para nossos estudantes, haverá mais oportunidades de intercâmbio e troca de conhecimentos. Para a sociedade dos países que integram o BRICS, esse projeto é importante porque investiga problemas bastante atuais e relevantes,

utilizando os sistemas de hardware e software que simplificam a vida das pessoas. Estamos analisando e moldando a computação do futuro”, conclui Chaimowicz.

Recursos hídricos e saneamento

O projeto da UFMG aprovado na área de saneamento, meio ambiente e recursos hídricos é coordenado pelo professor Nilo de Oliveira Nascimento, do Departamento de Engenharia Hidráulica e Recursos Hídricos da Escola de Engenharia. Intitulado *Water resources, sanitation and environment management: research, education and innovation in the BRICS economies*, ele propõe pesquisas para reduzir e otimizar o consumo de água nos países do bloco.

“Temos, no Brasil, um grave problema de escassez de água em áreas do Nordeste e do Sudeste. Há investimentos grandes para explorar os mananciais, e, quando o uso das bacias compromete a qualidade desses mananciais, há perdas muito grandes para a sociedade. Ao mesmo tempo, essas bacias favorecem a produção de alimentos e a atividade agropecuária. A escassez de água é comum a todos os países do Brics. Eles precisam compatibilizar o uso da água, sem comprometer a geração de renda”, explica.

Nilo Nascimento acredita que, ao se debruçar sobre carências comuns aos cinco países na área de abastecimento de água e saneamento, a rede encontrará soluções compatíveis para todos. “Todos, por exemplo, estão atrasados na área de tratamento de esgotos. No Brasil, temos algumas tecnologias simples que poderiam ser aplicadas na Rússia, na Índia, na China e na África do Sul. Discutir a questão científica e tecnológica de base para o tratamento de esgoto e resíduos sólidos é apenas um exemplo de demanda comum que poderá ser solucionada pela rede”, analisa.

Segundo o professor, a participação da UFMG na rede também atende aos anseios de internacionalização dos seus programas de pós-graduação. “Nosso departamento não tem relações fortes com a Rússia e a China, então é uma oportunidade de aproximação”, vislumbra.

Como o saneamento é um problema de todos os países do BRICS, ele acredita que será mais fácil encontrar novas soluções por meio de pesquisas realizadas em grupo. “Nossa área é de ciências aplicadas, logo nossos projetos de pesquisa costumam virar algo prático. Nossa intenção é, por meio das parcerias com as universidades dos países do BRICS que vão integrar a rede, desenvolver produtos e técnicas úteis para a sociedade”, conclui.



Nilo Nascimento: busca de soluções compatíveis



Chaimowicz: dispositivos de coleta de dados



Albuquerque: sistemas econômicos diferentes

Uma **JORNADA** dedicada ao **INGLÊS**

Discussões e oficinas compõem evento sobre aprimoramento da formação de professores de língua inglesa

Camilla Mamede e Thays Martins de Paiva*

Estratégias para formação de professores e a importância do desenvolvimento linguístico dos envolvidos no processo de aprendizagem de línguas estrangeiras serão discutidas na primeira edição da Jornada de Língua Inglesa, que ocorrerá na UFMG nesta sexta-feira, 24 de junho.

O evento, segundo a professora Deise Dutra, assessora de Proficiência Linguística da Diretoria de Relações Internacionais (DRI), é um desdobramento do Programa Idiomas sem Fronteiras (IsF), que tem o objetivo de promover a aprendizagem de línguas estrangeiras para sustentar o processo de internacionalização da Universidade. O Programa iniciou suas atividades em 2012, com a denominação Inglês sem Fronteiras, e foi ampliado dois anos depois, passando a se chamar Idiomas sem Fronteiras.

Uma das novas metas do IsF inclui o apoio a ações de aprimoramento de professores de língua inglesa da educação básica. Nesse sentido, foi firmada parceria entre o IsF e o programa de extensão em educação continuada Interfaces da Formação em Línguas Estrangeiras, da Faculdade de Letras, que tem ampla experiência na preparação de professores da rede pública de ensino. Daí surgiu a primeira edição da Jornada de Língua Inglesa.

A organização do evento deseja identificar oportunidades de colaboração entre as instituições de ensino superior envolvidas no evento para fortalecer pesquisas e desenvolver outras atividades conjuntas, além de estreitar relações entre a UFMG e a Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais. “Esperamos que, com essas parcerias, os professores da rede estadual interessados em formação continuada de capacitação metodológica e linguística possam realizá-la na UFMG. Também almejamos que toda a comunidade universitária e professores da rede pública desenvolvam experiências linguísticas práticas nas oficinas que serão oferecidas no evento”, afirma a professora Deise Dutra.

Programação

A programação da Jornada de Língua Inglesa inclui mesas-redondas, grupos de trabalho e oficinas. Na abertura do evento, às 8h30, será realizada a mesa-redonda *Programas de extensão e formação de professores*, coordenada pelas professoras Ana Maria Barcelos, da Universidade Federal de Viçosa (UFV), e Maralice de Souza Neves, da UFMG. A professora Ana Barcelos abordará a formação de professores no programa Idiomas Sem Fronteiras, discorrendo sobre dilemas, emoções e fatores contextuais que fazem parte desse processo. A professora Maralice, por sua vez, discorrerá sobre a aposta na contingência diante dos impasses no processo de formação continuada.

A partir das 10h15, grupos de trabalho serão formados para discutir temáticas como *Pesquisa dos núcleos de línguas do programa Inglês sem Fronteiras*; *Pesquisa sobre formação de professores*; *Reunião dos English Teaching Assistants (ETAs – Fulbright/Capes) do programa Inglês sem Fronteiras*.

Esses grupos reunirão representantes de várias instituições de ensino superior vinculadas aos programas Idiomas sem Fronteiras e Interfaces da Formação em Línguas Estrangeiras. O objetivo é apresentar as iniciativas de pesquisa, ensino e divulgação cultural desenvolvidas nas instituições e, ao mesmo tempo, identificar novas parcerias para a realização de atividades e colaboração entre as instituições participantes.



Deise: ações para o aprimoramento de docentes da educação básica

Das 13h30 às 16h, membros da comunidade universitária da UFMG e professores da rede pública poderão participar de oficinas que abordarão temas como pronúncia, uso de filmes, jogos ou aplicativos no processo de aprendizagem, preparação para o TOEFL ITP e contraste entre culturas, entre outros. As oficinas, gratuitas, ocorrerão simultaneamente na Faculdade de Letras e no Centro de Atividades Didáticas II (CAD II), ambos no campus Pampulha.

Às 16h30, será realizada a última mesa-redonda, com o tema *A relação entre o programa Idiomas sem Fronteiras e a formação de professores*, coordenada pela professora Deise Dutra e pela assessora da Secretaria de Educação Superior do MEC Denise Abreu e Lima. A professora Denise falará sobre o programa Idiomas sem Fronteiras em âmbito nacional, e Deise descreverá a atuação da UFMG no programa, especificando a sua relevância para a formação inicial dos professores por propiciar o ensino de línguas para fins acadêmicos, entre eles o desenvolvimento de habilidades para escrita de artigos e de resumos para congressos e apresentação oral em eventos.

A jornada, destinada à comunidade da UFMG e a professores da rede pública de ensino, não exige inscrição prévia, exceto para as oficinas cujas vagas são limitadas e se encerram nesta terça-feira, dia 21, às 11h59. Os interessados podem se inscrever em apenas uma oficina, preenchendo formulário disponível no site www.ufmg.br/dri.

*Assessoria de Comunicação da Diretoria de Relações Internacionais

SERELEPE EM RESIDÊNCIA

O grupo Serelepe, vinculado à Escola de Belas-Artes (EBA), oferecerá residência artística, de 2 a 12 de agosto, no Conservatório Lorenzo Fernandes, em Montes Claros. O trabalho se baseará em brincadeiras e canções tradicionais do repertório do grupo e dos participantes. Também serão construídos instrumentos com materiais reaproveitáveis.

Na primeira semana, o trabalho envolverá crianças, professores, estudantes de música e de teatro e outros interessados. A segunda semana, aberta a professores e estudantes, promoverá reflexão sobre a importância das brincadeiras, da música e do movimento na vida de crianças e professores.

Coordenado pelo professor Eugenio Tadeu, da EBA, e formado ainda por Gabriel Murilo e Reginaldo Santos, o Serelepe produz espetáculos e CDs dedicados à infância e promove oficinas conduzidas pelo brincar, pelo som e pela cena. Inscrições devem ser feitas até 1º de julho, em <http://www.residenciasmusicais.com.br/as-residencias/montes-claros/>.

ESPETÁCULO SOBRE A LUZ

O espetáculo *O segredo dos vagalumes*, do Grupo de Teatro do Centro Pedagógico da UFMG (CP), será encenado de 23 a 26 de junho, sempre às 10h30, no Teatro Francisco Nunes, no Parque Municipal. A montagem é fruto de criação colaborativa e tem a luz como tema principal.

A peça explora referências folclóricas, literatura de cordel, mitologia grega, música e clássicos da literatura para contar a história de uma família de vaga-lumes que se prepara para uma grande festa, com muita luz e comida. Simultaneamente, um grupo de cangaceiros tenta lidar com a falta de energia elétrica no sertão brasileiro. A direção é do professor Roberson Nunes. O grupo é formado por 16 alunos do terceiro ciclo do CP.

Outras informações podem ser obtidas no Núcleo de Artes do Centro Pedagógico, pelo telefone (31) 3409-5199 ou pelo e-mail nucleodeartecp@yahoo.com.br. Reportagem da TV UFMG está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=xcwFF7G9Its>.

POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA

A UFMG teve dez propostas aprovadas em dois editais lançados no ano passado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig) que buscam fomentar iniciativas e estruturas de divulgação científica em universidades e centros de pesquisa sediados no estado. Ao todo, serão distribuídos cerca de R\$ 3,4 milhões.

A chamada 07/2015, *Popularização da ciência, da tecnologia e da inovação*, contempla 33 projetos de divulgação científica que receberão pouco mais de R\$ 2 milhões. Mais de um quarto desse valor (R\$ 567 mil) financiará a execução de nove propostas da UFMG. Entre elas, o projeto *Pensar a Educação, Pensar o Brasil* e as exposições *Sentidos do Nascer*, que busca valorizar o parto normal, e *Processaber*, sobre o processo de construção do conhecimento. Conheça os projetos contemplados em <http://bit.ly/1Q4oN3b/>.

Outras nove propostas foram aprovadas no edital 08/2015, intitulado *Estruturas de comunicação e divulgação da ciência*, que prevê a destinação de R\$ 1,4 milhão. Uma delas foi formulada na UFMG. Trata-se do projeto *Ciências nas ondas da convergência*, que será executado pelo Centro de Comunicação (Cedecom) com recursos de R\$ 199 mil. Veja as propostas selecionadas em <http://bit.ly/1Uz8ZBp/>.



Dânia Lima

Peça exposta na exposição Processaber

CIÊNCIA DE ALIMENTOS

Estão abertas as inscrições, em regime de fluxo contínuo, para o doutorado do Programa de Pós-graduação em Ciência de Alimentos (PPGCA), da Faculdade de Farmácia. São oferecidas 14 vagas, nas linhas de pesquisa *Qualidade de alimentos, Química e bioquímica de alimentos* e *Nutrição, alimentação e saúde*, para ingresso durante o ano letivo de 2016.

As inscrições, abertas até 31 de outubro, se até lá ainda restarem vagas, devem ser realizadas pessoalmente, na secretaria do PPGCA (sala 2068, bloco 3 da Faculdade de Farmácia) ou pelos Correios. Mais informações sobre critérios de avaliação, taxa de inscrição e documentação necessária estão no edital (<http://bit.ly/1VZ8FB4/>) e na página do Programa (www.farmacia.ufmg.br/ppgca).

PRÊMIO PARA EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS

Professores de licenciatura de universidades brasileiras podem inscrever, até 15 de agosto, suas experiências desenvolvidas em sala aula na sexta edição do Prêmio Professor Rubens Murillo Marques, promovido pela Fundação Carlos Chagas (FCC).

A premiação valoriza práticas pedagógicas, com o objetivo de contribuir para a melhoria da formação de professores da educação básica no Brasil. Em cinco anos consecutivos, a FCC avaliou cerca de 300 projetos e contemplou 14 docentes de várias regiões. Uma das vencedoras da última edição foi a professora da UFMG Marina Marcondes Machado, que apresentou o projeto *Dramaturgias múltiplas e as culturas da infância e juventude: criação nos modos de aprender e ensinar na licenciatura em teatro*.

A avaliação dos projetos inscritos será feita por comissão de especialistas da Fundação Carlos Chagas. Os autores dos dois projetos mais criativos e inovadores, direcionados à formação de docentes da educação básica, receberão R\$ 20 mil e troféu. Também terão suas experiências publicadas na coleção *Textos da FCC*.

Para concorrer ao Prêmio, os professores devem inscrever projetos relacionados a experiências realizadas e concluídas de 2015 até junho de 2016. Mais informações sobre o regulamento e as inscrições podem ser obtidas no site da Fundação: <http://www.fcc.org.br/fcc/premio-professor-rubens-murillo-marques/apresentacao>.

Matar a **SI**, matar a **MÃE**

Doutoranda da Psicologia sugere em livro que motivação do suicida é oriunda de trauma vivido em relação ao objeto materno por ocasião dos primeiros cuidados

Ewerton Martins Ribeiro

Que motiva o suicida? Que dispositivo de sua psicologia leva o sujeito a cometer autointerdição? No livro recém-lançado *As horas que separam duas mortes: da melancolia ao impulso suicida*, Elisa de Santa Cecília Massa, doutoranda em Psicologia da Fafich, sugere uma resposta original para essas questões.

A pesquisadora recorre ao texto *Luto e melancolia*, de Freud, para argumentar que a agressividade que o *eu* desperta sobre si se explica pelo fato de haver nele um objeto referencial introjetado, a quem tal ato se destinaria originalmente: o objeto materno, na hipótese da autora, o primeiro objeto de amor do sujeito – responsável mesmo, em princípio, pelo advento da vontade de viver. “A pesquisa me levou a suspeitar que as vivências da infância são determinantes para a compreensão do ato suicida”, diz a pesquisadora.

Para Elisa, uma falha na primeira interação com o objeto materno, ocorrida no início da relação entre o cuidador e o bebê, atua no processo de esvaziamento da pulsão de vida e no engendramento da pulsão de morte. “Embora nosso imaginário seja povoado por fantasias sobre a própria morte, esta só pode ser vivenciada pela morte do outro, já que não é possível fazer coexistir a experiência e a própria morte”, explica. Assim, matar a si seria, no âmbito psicológico, o ato de eliminar de si a presença do outro – no caso, a mãe. “O suicídio é um ato endereçado ao objeto, não ao *eu*”, demarca.

Elisa explica que, naturalmente, tais processos não se dão necessariamente na consciência do sujeito. “Isso aparece na clínica psicanalítica, quando o paciente começa a nos contar sobre suas relações com o chefe, com o pai, com os irmãos, com os amigos, com o cônjuge ou mesmo com a própria mãe. É possível perceber que, em todas essas relações, algumas coisas começam a se repetir”, diz, sugerindo que essas repetições são indicativas de questões próprias do sujeito – relativas, por exemplo, a esse trauma original.

Retorno ao útero

No livro, Elisa também discute o autoexterminio como espécie de retorno ao útero – o túmulo como metáfora. Ou seja, uma forma trágica de o sujeito tentar se reconciliar com a razão inaugural de sua melancolia. A professora Cassandra Pereira França, do Departamento de Psicologia da Fafich, resume o dilema na orelha da obra: “Arcaremos com o peso das inscrições deixadas pelo outro primordial e com a angústia de esperar a morte nos surpreender, ou a golpearemos primeiro, precipitando o retorno ao centro da

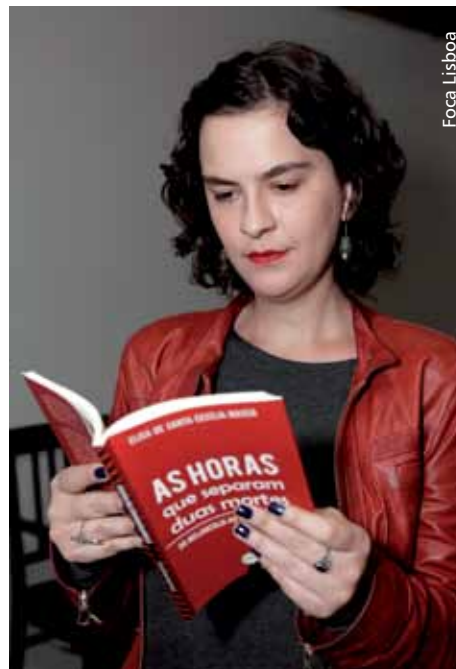
mãe/terra?”. A professora orientou a dissertação de mestrado de Elisa, que deu origem ao livro.

“Escrevi a dissertação tendo como alvo a clínica psicanalítica”, conta a pesquisadora. Mestre e doutoranda em estudos psicanalíticos pela UFMG, Elisa é diretora de Orientação

Socioeducativa da Secretaria de Defesa Social de Minas Gerais, que estabelece a metodologia para o atendimento de adolescentes internados em razão do cometimento de ato infracional. “Seja na pesquisa que resultou no livro, seja em meu trabalho, estou interessada nas formas como cada sujeito responde à manifestação do trágico em sua vida. Em alguns casos, os adolescentes que cometem atos graves também estão construindo respostas para essa manifestação”, afirma.

Na clínica psicanalítica de casos de potenciais suicidas, Elisa critica as abordagens “motivacionais”, baseadas no aconselhamento, e sugere a “real escuta” como o melhor instrumento de atenção. “É importante ouvir o que é próprio do sujeito e não se defender da sua fala. Para o analista, é difícil ouvir aquilo que os sujeitos melancólicos têm para dizer. Contudo, muitas vezes são eles que vão indicar uma saída para suas questões”, diz. “É crucial a individualização de cada caso. Por isso, mais que pensar uma teoria do suicídio, desenvolvi um trabalho que busca demonstrar a importância de se escutar o que é próprio de cada sujeito.”

No livro, além da reflexão estritamente teórica, Elisa se vale do filme *As horas*, de 2002, para discutir a pulsão da morte com base em uma intrigante relação estabelecida entre mãe e filho.



Elisa: suicídio é ato endereçado ao objeto

Livro: *As horas que separam duas mortes: da melancolia ao impulso suicida*

Autora: Elisa de Santa Cecília Massa

Editora CRV

146 páginas / R\$ 38,90